



Fenômeno Mediúnico na Imprensa Manauara no Início do Século XX: Um Caso de Repercussão e o Tratamento Jornalístico Recebido

Joselita Cármen Alves de Araújo Nobre¹

Introdução

Desde o I Simpósio FAK, após a apresentação do artigo de Machado (2009), sugerindo uma proposta de sistematização de um programa de pesquisa para ampliar o conhecimento sobre a história do Movimento Espírita nas terras amazônicas, a autora teve despertado o seu interesse em trabalhar o eixo temático que trata dos primórdios do Espiritismo nestas terras, com foco na ocorrência de fenômenos mediúnicos que tiveram repercussão naquela época, sendo registrados nos jornais locais.

Neste sentido, este artigo tem por objetivo analisar o “Um caso misterioso na Cachoeirinha”, caracterizando o tratamento dado pela imprensa ao assunto, as repercussões na sociedade e identificar qual a participação dos espíritas e o tratamento doutrinário recebido, de forma a deduzir a dinâmica do movimento espírita da época.

Metodologia

Realizou-se uma pesquisa no sítio da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional, que possui o “Projeto Periódicos Extintos”, onde estão digitalizados jornais brasileiros do século XIX e XX.

Utilizando-se a opção de busca cronológica, selecionou-se a cidade de Manaus e levantou-se todos os periódicos digitalizados disponíveis em seus arquivos. Encontrou-se oito jornais: A Capital, A Federação, Commercio do Amazonas, Correio do Norte, Diario Official, Estrella do Amazonas, Jornal do Amazonas e Quo Vadis.

No rastreamento das publicações sobre fenômenos mediúnicos, utilizou-se os vocábulos “espírito”, “espiritismo”, “federação espírita”, “Allan Kardec”, “phenomeno”, “assombração” e “mal assombrado”. A realização da busca por palavras foi “possível devido à utilização da tecnologia de Reconhecimento Ótico de Caracteres (Optical Character Recognition – OCR), que proporciona aos pesquisadores maior alcance na pesquisa textual em periódicos” (HEMEROTECA, 2013).

Em o jornal A CAPITAL, dirigido pelo Dr. Epaminondas de Albuquerque, com exemplares digitalizados do período de 1914 a 1917, encontrou-se o relato denominado “Um caso misterioso na Cachoeirinha”, desenvolvido em nove edições - da n.º 19 a n.º 27, e depois a n.º 45 - entre os dias 3 e 29 de agosto de 1917.

¹ Trabalhadora da Fundação Allan Kardec, em Manaus, AM, atualmente na condição de vice-presidente da instituição.

Após a leitura dos artigos, elaborou-se um resumo do caso, identificando o cenário, levantando os tipos de fenômenos psíquicos ocorridos, as personagens citadas nas reportagens do periódico, dando destaque àquelas adeptas ao Espiritismo e por fim, observando-se a fundamentação doutrinária daqueles que se manifestaram sobre a ocorrência, de modo a analisar a dinâmica do Movimento Espírita da época.

Desenvolvimento

Relato de “Um caso misterioso na Cachoeirinha”

O fato relatado pelo periódico “A Capital” ocorreu no início do século XX, no ano de 1917, envolvendo a menor Alice Feitosa de Alencar e sua família, residentes no bairro da Cachoeirinha, Manaus, estado do Amazonas.

A adolescente de aproximadamente treze anos de idade foi o *sujet* de fenômenos mediúnicos de efeitos físicos que ocorriam em qualquer hora do dia ou da noite, tendo os fatos sido testemunhados por diversas pessoas: familiares, vizinhos, policiais, jornalistas, etc.

A casa pertencia ao seu tio, o Sr. Alfredo de Barros Alencar, e estava localizada por detrás da feira do bairro, limitando-se com os terrenos do falecido comandante Arthur Amorim e do Sr. Uchôa Rodrigues. Nela residiam os órfãos Alice e seu irmão, de sete anos, sob a guarda do tio e da sua esposa.

Os fenômenos mediúnicos relatados eram os de efeitos físicos – arremessos de pedras, garrafas e aparições -, sendo o barulho das pedradas ouvido e os pedaços das pedras e garrafas vistos por todos os presentes na residência; enquanto as aparições do vulto de um homem, só eram percebidas pela menina Alice, por sua tia e uma outra parenta não identificada. A situação perturbava a família e sua vizinhança.

O fato teve repercussão na imprensa e na sociedade local, sendo publicado pelo jornal A Capital, por nove edições, entre os dias 03 e 29 de agosto de 1917. As publicações relatavam as ocorrências, a atuação dos espíritas, da polícia, da justiça e as manifestações da sociedade. Não houve registro de manifestação da igreja local, e relatou-se o posicionamento de esotéricos – um peruano e o outro amazonense.

De início, suspeitou-se que as pedras eram arremessadas por algum jovem namorado da Alice, e a polícia local foi envolvida para investigar. Para dirimir esta dúvida, a adolescente foi submetida a um exame médico-legal visando comprovar a sua virgindade.

Autoridades judiciais foram envolvidas, sendo dada a guarda da jovem ao magistrado, Dr. Antonio Baptista de Aquino, residente na rua Visconde de Porto Alegre, no intuito de afastá-la da residência, de modo a cessarem os fenômenos.

Os espíritas da época, ao tomarem conhecimento do caso, passaram a investigar e realizar sessões mediúnicas buscando esclarecer os fatos, sendo revelada a existência de um crime e todas as suas consequências espirituais.

Resumo do caso

Jornal “A Capital”, número 19, 03 de agosto de 1917

Apresenta o fenômeno aos leitores pela primeira vez, trazendo as seguintes chamadas: “Pedradas, ameaças e a presença de um vulto que não se consegue alcançar. Um nosso companheiro ouve os donos da casa”. O jornal faz a seguinte descrição:

Por detrás da Feira da Cachoeirinha, numa casinha imprensada entre duas ou tres e contígua à rocinha do falecido commandante Arthur Amorim, reside o sr. Alfredo Alencar, casado, sem filhos, mas tendo em sua companhia uma sobrinha, menina de treze annos, mais ou menos.

Há dias vêem o sr. Alencar, família e vizinhança sobressaltados, com um caso mysterioso, que se passa em sua casa e que têm prestado toda sorte de vigilância e diligência, sem que, comtudo, haja chegado a um termo o objecto de suas cogitações e pesquisas.

Sobre o telhado de zinco de uma puchada, ao fundo da casa, chovem pedradas de dia e de noite; a menina da casa

foi ameaçada e um vulto de homem, que se não consegue alcançar, tem sido visto pela sobrinha e esposa do sr. Alencar, no terreno inculto, que fica no fundo do pequeno quintal da casa e que é de propriedade do sr. Uchôa Rodrigues, ou ao pé da cerca divisória (ALBUQUERQUE, 1917a, p1).

O companheiro do editor do periódico, que foi até o local para realizar “syndicancias do facto”, narrou esta declaração do Sr. Alencar:

[...] estou farto de vigiar dia e noite, com os meus vizinhos, procurando quem seja, perseguindo e até dando tiros, na direcção de onde partem as pedras o que ora é de um lado, ora de outro (ALBUQUERQUE, 1917a, p 1).

No seu relato, Alencar diz que em um desses momentos, coincidentemente avistaram no mato um moço em trajes menores, o que o fez procurar a autoridade policial, que enviou ao local um subdelegado e praças, tendo estes presenciado as pedradas. Realizou-se uma batida em todos os terrenos da proximidade, sem nada encontrar. Esclareceu que além da menina, sua esposa e uma parenta avistam o vulto de um homem, alvo, nem alto nem baixo, com aparência de italiano, que não responde quando interpelado, apenas se retira mansamente.

Alencar também descartou a suspeita de ser ação de algum namorado da menor, porque além de ter um comportamento sossegado, os fenômenos ocorrem durante o dia e a noite, chegando a atingi-la fisicamente. Foram apresentados vários pedaços de pedras, incluindo um que estava quente quando atirado.

Para comprovar a veracidade de sua informação, o Sr. Alencar pediu para a menina passear pela varanda, e iniciaram-se as pedradas:

[...] e escutamos. Com o nosso companheiro, o sr. Teixeira, que fôra atrahido à casa, ouviu-se o bater de uma pedra sôbre o zinco, cahindo na puxada, onde passeava a menina, fragmentos de barro (ALBUQUERQUE, 1917a, p 1).

Diante dos fatos narrados e presenciados, o periódico faz a seguinte manifestação:

Pensamos que a polícia deverá agir de modo a desvendar esse caso, que nada tem de sobrenatural, contrariamente à opinião corrente entre os supersticiosos.

Fazendo-se a derrubada do mattagal ao fundo da casa, tomando-se todos os pontos num cerco apertado, certo o caso da Cachoeirinha desaparecerá de vez (ALBUQUERQUE, 1917a, p 1).

Jornal “A Capital”, número 20, 04 de agosto de 1917

Neste dia, o jornal tem como subtítulo “O espiritismo, por meio de sessões, promete esclarecer os factos”. É narrado que os fenômenos vêm ocorrendo há seis dias [desde 30 de julho] e continuam despertando a curiosidade da população.

Destaca que um colaborador da redação assistiu as manifestações por ocasião da presença naquela casa, do Sr. Manoel dos Santos Castro, conforme relato abaixo:

[...] conhecido evangelizador emerito de espíritos obcedados, conseguiu hontem á noite, que a menor Alice, que vem sendo perseguida pelo phantasma, fosse actuada, transmitindo-se immediatamente o espírito para o aparelho de sua tia, esposa do sr. Alfredo Alencar.

Por intermedio dessa senhora, o espírito obcessor prometeu, a muito custo, abandonar o sítio de sua acção rebelde, embora que tenha as suas contas a ajustar com os seus algozes (ALBUQUERQUE, 1917b, p 1).

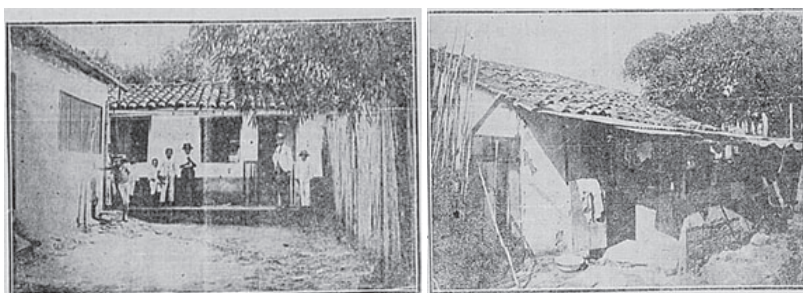
Divulga ainda, outras sessões espíritas, relacionadas ao fenômeno que vêm ocorrendo na Cachoeirinha:

[...] foram realizadas diversas sessões espíritas, que se prendem ao facto da Cachoeirinha, sendo uma no Alto de Nazareth, outra na avenida Codajás e a terceira, finalmente, na casa de residência do Sr. Manoel Castro, sita á rua Barroso.

A comunicação, dada na sessão do Alto de Nazareth, é importantíssima pelas revelações feitas pelo espírito, que se comunicou, conforme nos enviaram já muito tarde.

A vista disto só amanhã daremos publicidade á mesma (ALBUQUERQUE, 1917b).

Encerrando a reportagem, são publicadas duas fotografias da casa “mal-assombrada” do Sr. Alfredo Alencar - da fachada principal e dos fundos -, cedidas pela Fotografia Allemã. Informa-se também, que não foi permitido pelo tio, “que fosse tirado o retrato de sua sobrinha Alice, vítima do espírito obcessor.”



Jornal “A Capital”, número 21, 05 de agosto de 1917

O subtítulo de destaque é “Novos informes. Uma comunicação espírita”. E inicia a narrativa atualizando os leitores sobre o caso:

O phantasma da Cachoeirinha continúa a trazer apavorada a população daquelle bairro.

É assim que costumando a se apresentar a menor Alice, de diversas formas, ora como negro, ora como branco; umas vezes trajando bem, outras maltrapilho, desaparece na multidão sem deixar traços de sua passagem.

Muitas vezes, enquanto a referida menina está indicando a direcção em que se acha o phantasma, sem que ninguém, sinão ella, o veja, as pedras estão cahindo sobre o telhado da casa, onde reside [...].

A polícia tem empregado ingentes esforços para desvendar o caso, mas nada tem conseguido até agora.

[...]

Vulgarizado o phenomeno psychico, como é natural, alguns espíritas, e de grande responsabilidade, têm feito diversas sessões, no proposito de ser desvendado a causa do apparecimento do questionado phantasma.

A comunicação mais importante que conhecemos, foi a obtida no Alto de Nazareth, cuja publicação hontem promettemos fazer (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

A comunicação mediúnica é publicada na íntegra, esclarecendo sobre o fenômeno mediúnico, sobre o crime do qual foi vítima o obsessor, sem identificar os nomes dos envolvidos.

O comunicante disse não existir mistério no caso, podendo ser explicado à luz da ciência. Relatou que nos últimos anos o Amazonas teve seu declínio, e ocorreram várias ações de ambição e iniquidade por parte de um suposto venerando cidadão, provocando revolta e ódio dos cidadãos, alterando a psicosfera da região.

Quanto ao fenômeno, esclareceu que há alguns anos, um morador da Cachoeirinha foi preso injustamente, sofreu grande suplício durante 27 dias na prisão, morrendo de inanição. Sua mulher, com o filho no colo, procurou os magnatas, com provas da inocência do marido, sem ser ouvida. Restou o desejo de vingança do infeliz, que aproveitou o momento em que o Amazonas ressurgia com o garbo de outrora, para a sua vingança no sítio da sua prisão, utilizando-se de um médium para reconstituir as cenas do seu martírio, atraindo seus algozes. Ao final, sugeriu preces em favor do revoltado, para que não adquirisse mais dívidas e encontrasse a paz. Esclareceu seria uma indiscrição divulgar os nomes dos envolvidos, afinal não cabe aos bons espíritos denunciar, e sim amparar todas as quedas.

Jornal “A Capital”, número 22, 06 de agosto de 1917

O fenômeno mediúnico continua sendo matéria de destaque no jornal, trazendo como subtítulos: “Sessões espíritas. –Uma importante comunicação ministrada na tarde de hontem, por um companheiro do Padre José de Anchieta, no bairro dos Educandos. –Importantes resoluções. –Uma bofetada. – Outros informes”.

Nesta edição relata-se mais uma intervenção do Sr. Manoel dos Santos Castro, estudioso do Espiritismo há muitos anos:

[...] tem empregado grande actividade, no sentido de, evangelizando os espíritos obcecados que perturbam actualmente o socego da família do sr. Barros Alencar, desvendar o grande mysterio da Cachoeirinha.

Sabemos que o conhecido velho Castro, o grande amigo da caridade, muito tem conseguido a respeito, já estando de posse do fio de toda a meada [...].

Procurando tão somente evangelizar os espíritos soffredores, e que estão provocando as actuaes scenas de que é theatro a Cachoeirinha, aquelle cavalheiro tem recusado fornecer as competentes notas de suas investigações à imprensa.

Apenas affirma: “trata-se de espíritos, e muitos outros factos psychicos vão se reproduzir nesta cidade” (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

É dito que, além do Sr. Castro, existem outros espíritas realizando reuniões em prol do caso, e em todas elas, vem sendo confirmada a existência de um crime naquele sítio.

Publica-se na íntegra a comunicação mediúnica de uma sessão espírita ocorrida no bairro de Educandos, cujo comunicante se identifica como um antigo jesuíta, que chegou ao Brasil na comitiva de D. Duarte da Costa, que faz revelações sobre o futuro da humanidade e do Brasil e fala do caso da Cachoeirinha.

Notícia, ainda, o depoimento de um jovem que, após ironizar do fenômeno, foi vítima de uma bofetada, sem que fosse visto qualquer pessoa em sua proximidade. E também informa o sofrimento da família Barros Alencar devido aos fenômenos, tendo sido a menor Alice encaminhada para outra moradia na tentativa de cessarem as manifestações.

Jornal “A Capital”, número 23, 07 de agosto de 1917

O subtítulo deste dia apresenta os seguintes destaques: “Uma sessão pública no Templo da Verdade. –O orador da Federação Espírita, estribado nos seus estudos, discute e prova os phenomenos psychicos da Cachoeirinha. –Um dialogo sobre o espiritismo. –A menor Alice na polícia, interrogada pelo dr. Chefe de Polícia, confirma a visão do phantasma. –É enviada ao doutor Juiz Municipal de Orphãos”.

Destaca-se a concorrida sessão pública ocorrida na sede da Federação Espírita Amazonense (FEA), na noite do dia 06 de agosto, na qual o “orador da sociedade justificou, com argumentos deduzidos dos ensinamentos espíritas, a existência de manifestações dos phenomenos psychicos.”

Comunica que a menor foi ouvida pelo Chefe de Polícia, confirmando que não possui namorado e que continua sendo perseguida pelo fantasma. No intuito de afastar a menina do sítio dos fenômenos e encerrar a perseguição, foi encaminhada para os cuidados do Juiz de Órfãos da época.

Refere que várias pessoas têm comparecido à redação para elogiar o modo que o jornal vem conduzindo as informações sobre o caso da Cachoeirinha e relata o diálogo travado na redação com um professor espírita:

Entre os referidos visitantes, um estimado professor em nosso meio, mantendo comnosco animada palestra, sustentou com entusiasmo as doutrinas endossadas pelo espiritismo, acreditando piamente, como verdadeiros, os phenomenos psychicos da Cachoeirinha [...]

Guardando reserva do seu nome, evitamos melindrar a sua modéstia (ALBUQUERQUE, 1917e, p 1).

O diálogo com o professor é descrito na íntegra, no qual esclarece dúvidas do editor do jornal em relação ao fenômeno, deixando-o muito impressionado.

Não paira a menor dúvida, [...] é um facto. Attesta-o a sciencia moderna.

[...]

Esta objecção [...] não pode nunca constituir uma prova contraria a existencia de espíritos desencarnados povoando outros planos da natureza. Si o facto de sua invisibilidade aos olhos profanos, aos que não são médiuns, fosse uma prova, a sciencia se encontraria embaraçada para explicar a existência de milhões de seres inteligentes que vivem ao nosso redor, mais invisíveis pela sua própria natureza. E quem desconhece hoje, por leigo que seja, a existência do microbio da febre amarella, da malária, da tuberculose, etc. [...]

[...]

Quem poderá contestar que amanhã a sciencia, attingindo o seu mais elevado grau, não descubra um instrumento capaz de pôr ao alcance de todos a presença dos espíritos que se encontram pelos ares (ALBUQUERQUE, 1917e, p 1).

Respondendo se o caso poderia ser uma fraude, cita Kardec para informar que é possível uma mistificação, uma vez que os espíritos desencarnados continuam com suas más tendências e podem agir equivocadamente. Mas, os espíritas estavam aparelhados para desfazer a confusão, e tais mal-entendidos não apagariam o brilho do Espiritismo.

O jornalista era católico, e lembrou que a Igreja condenava a manifestação dos Espíritos. Ele respondeu, que neste sentido a Igreja rasgava as escrituras uma vez que a cada página apresentava casos de manifestação, e exemplificou com a cena da anunciação. O repórter reconhece a robustez do argumento e então questiona a existência de lugares mal-assombrados. O professor se reportou ao Livro dos Médiuns, explicando que espíritos podem se aproximar dos locais por simpatia ou para fazer o mal. No caso da Cachoeirinha disse já ter sido elucidado por comunicação mediúnica a presença de um espírito sofredor.

Quanto ao uso da mediunidade para fins judiciais, informou que à época o Espiritismo não poderia servir de intérprete para elucidação de crimes, nem a lei profana o admitia como provas.

Jornal “A Capital”, número 24, 08 de agosto de 1917

Nesta data, o subtítulo apresenta as seguintes informações: “A paralysação dos phenomenos psychicos na casa do sr. Barros Alencar. —Os trabalhos do velho Castro. —Outras manifestações na antiga Casa de Detenção. —Uma sessão espírita agitada”.

Os relatos dão os informes sobre o cenário dos fenômenos em voga e as ações realizadas no sentido de resolvê-los:

Nada de anormal nestes dous últimos dias, tem apparecido na casa de residência da família do sr. Barros Alencar.

Este facto está de accordo com as esperanças nutridas pelo estimado velho Castro, que vem trabalhando, há dias, no proposito de afastar da casa daquelle cavalheiro o espírito phantasma, perturbador do socego da referida família.

Mal se consegue pôr termo aos alludidos phenomenos, outros surgem em pontos differentes da cidade, conforme as previsões do velho Castro.

[...]

Ávidos de curiosidade, os espíritas continuam realizar as suas sessões, sempre no intuito de bem esclarecer o caso da Cachoeirinha.

A última sessão de que temos notícia, foi effectuada ante-hontem na Parada Felinto, cujas notas que nos enviaram, publicamos (...) (ALBUQUERQUE, 1917f, p 1).

O noticiário deste dia informa que um empregado da Escola de Aprendizes Artífices, antiga Casa de Detenção, tem passado noites insones devido a estar ouvindo naquele prédio gemidos e gritos sem saber a origem.

Também é publicada integralmente a comunicação mediúnica ocorrida na Parada Felinto. Informa que a menor Alice foi mais uma vez ouvida na justiça, e seus tios serão intimados para depor sobre o caso da Cachoeirinha.

A comunicação inicia com o médium muito agitado deixando a assembleia assustada. O espírito clama por justiça, pois os assassinos são muitos e impunes circulam livremente pelas ruas da capital, no interior e até no Acre. Os algozes que desencarnaram estavam sofrendo mais que as suas vítimas. O médium continuava agitado, o espírito gritava por piedade, dizendo que tinha mulher e filho, depois se apoiou na mesa de tanto cansaço.

O dirigente da sessão esclareceu sobre a presença de espíritos grosseiros, carregados de ódio e pediu orações. O ambiente acalmou-se, e quando o médium despertou, descreveu um ambiente espiritual com vibrações de paixão e vingança, e que alguns espíritos revelaram os nomes de seus algozes.

Jornal “A Capital”, número 25, 09 de agosto de 1917

Em seu subtítulo apresenta: “O resultado das pesquisas espíritas. —O Sr. J. Severiano promette justificar os phenomenos psychicos. —Uma carta do director da Escola de Aprendizes Artífices. —O paradeiro da menor Alice. —O resultado do exame medico-legal”.

O periódico relata o interesse do público pelo assunto e a atuação dos espíritas:

Os recentes acontecimentos psychicos manifestados na casa de residência da família do sr. Barros Alencar, despertando a natural curiosidade do publico, permitiram que os adeptos da doutrina do eminente Allan Kardec, pseudonymo de Denizard Rivail, fazendo as pesquisas que o caso reclamava, explicassem satisfactoriamente a possibilidade de taes manifestações psychicas.

As repetidas sessões levadas a efeito pelos espíritas orthodoxos, no proposito firme e inabalavel de esclarecerem os phenomenos psychicos, de que se tem occupado o nosso jornal, deram um resultado bastante lisonjeiro, pondo termo a tão curioso caso.

[...]

O sr. João Severiano de Souza, funcionario publico federal, dado a esses estudos mysticos, nos prometeu vir á falla, para registrar a veracidade dos questionados phenomenos psychicos.

[...]

O illustre dr. Esmeraldo Coêlho, director da Escola de Aprendizes Artífices, nos dirigiu uma carta, solicitando a fineza para tornarmos público, que carece de fundamento a vulgarização do apparecimento de phantasma naquelle estabelecimento (ALBUQUERQUE, 1917g, p 1).

Por fim, informa-se que para cessarem as maledicências sobre a órfã Alice Feitosa de Barros, o exame médico-legal realizado comprovou a virgindade da menor. Neste dia, compareceram a redação do jornal, a esposa do sr. Barros Alencar e sobrinha, agradecendo a forma cortês com que vem sendo tratadas as reportagens.

Jornal “A Capital”, número 26, 10 de agosto de 1917

O subtítulo destaca os seguintes assuntos: “Tem a palavra o sr. J. Severiano. —A menor Alice quer viver com seus tios e irmão.”

O periódico publica na íntegra uma carta enviada pelo jovem e distinto funcionário público federal João Severiano de Souza, que trata de esclarecer sobre o misterioso caso da Cachoeirinha:

O phenomeno espírita que ora se manifesta na Cachoeirinha, tem dois fins:

1.º - attrahir a attenção colecttiva para o facto chamando á si os estudiosos e investigadores.

2.º - mostrar que os tempos são chegados, conforme dissera Jesus, e, provar mais uma vez que, quando Deus em seus supremos desígnios determina, o homem na impotencia maxima de sua inferioridade não pode derogar suas sabias decisões.

[...]

Para o leigo nos estudos espiritualistas este facto pode ser classificado: - ou como obra diabolica, ou então como milagre, ou ainda como qualquer leção nas faculdades mentaes dos médiuns.

[...]

O espírito que tem servido para as manifestações do phenomeno psychico da Cachoeirinha, é, posso dizer o emissario de grandes notícias.

Elle prepara o coração do homem e o desperta do somno da embriaguez da materia.

Ora, tão pequenino phenomeno tem despertado a attenção da imprensa por tantos dias!

O que prova isso?

Simplemente que, aquillo que não tem fundamento é logo esboroado, é logo esmerilhado e não pode continuar sordida e impunemente sem o correctivo preciso.

Logo o facto da Cachoeirinha é impressionador e serio, portanto merecedores da attenção [...] (ALBUQUERQUE, 1917h, p 1).

O signatário discorre sobre a fundamentação doutrinária dos fenômenos, na tentativa de esclarecer o motivo das manifestações mediúnicas, e de como ocorre o processo da materialização.

O artigo do dia encerra com a informação que o Sr. Barros Alencar procurou a redação para comunicar que a sobrinha Alice fugiu da casa onde foi deixada pelo Juiz dos Órfãos, buscando voltar a morar com seus tios e seu irmão de sete anos. O tio comunicou o fato à delegacia local, mas manifestou o interesse em manter os irmãos morando consigo, pois tem grande estima para com os órfãos.

Jornal “A Capital”, número 27, 11 de agosto de 1917

O subtítulo traz as seguintes chamadas: “A CAPITAL ouve um representante do Instituto Radiante de Iquitos e um socio do Círculo Esoterico de S. Paulo. – Declarações que fizeram. – O que foi encontrado na casa do sr. Alfredo Alencar. – As comunicações espíritas publicadas por este jornal. – Diz um desses informantes que o phenomeno foi previsto”.

O jornal destaca o respeito a todas as crenças e informa que:

O srs. P. A. Rodriguez Reyna e Marcos Alves da Cruz, aquelle do Instituto Radiante de Iquitos e este do Círculo Esotérico de S. Paulo, fizeram hontem A CAPITAL revelações sobre o phenomeno da Cachoeirinha.

Essas declarações foram presenciadas pelos srs. drs. João Cavalcante, esforçado delegado do 1.º districto e Marçal Ferreira, digno inspetor agrícola.

O sr. Rodriguez Reyna chegou a Manáos, vindo de Iquitos, pelo Atahualpa. Apenas soube do que se passava na Cachoeirinha, começou a fazer as investigações a respeito conforme a sua doutrina (ALBUQUERQUE, 1917i, p 1).

Esclarece que o Sr. Reyna solicitou ao Sr. Alencar permissão para visitar a sua residência. Lá chegando, ouviu três pedradas, deparando-se com “uma figura sympática de homem, morena, alta, gorda, que lhe falou em portuguez, dizendo-lhe que, na vida terrena se havia feito amado por muitas mulheres”, e que esta situação causou inveja e comprometimentos, inclusive de ordem política. Após esta manifestação apontou para o fogão, falou algo inteligível e desapareceu.

O Sr. Reyna inspecionou o fogão e observando a existência de uma folha de flandres que cobria algo, providenciou a sua remoção:

Retirada a folha e cavado o solo, foram encontrados tres pedaços de osso, um colhér de chá, duas palmilhas de sapato de creança, uma semente de castanha, uma banda de noz e uma semente de pequiá.

Tudo isso o sr. Reyna entregou-nos, referindo que, emquanto lá existisse a menor Alice seria perseguida pelas manifestações espíritas que haviam de apparecer tambem a todas as pessoas que morassem na mesma casa (ALBUQUERQUE, 1917i, p 1).

O Sr. Marcos Alves da Cruz - ajudante do Sr. Reyna, que atuava como mestre de cabotagem- declarou discordar do posicionamento sobre a menor Alice, publicado em “O Jornal do Commercio”. Desde então “começou a investigar o caso, por doutrina e por ser amigo da família Alencar.” Diz não admirar o que aconteceu naquela residência, pelo motivo abaixo explanado:

[...] já haver sentido as manifestações do phenomeno desde o dia 1.º de Junho. [...] deixou que os curiosos se afastassem da casa do sr. Alencar, sabendo que se tratava de um caso psychico, explicando que as pedradas ali havidas são resultantes de fluidos e que isso continuaria emquanto o sr. Alencar e família ali residissem e lá fossem as pessoas que costumavam ir. Contou que, se a polícia não tomasse as providencias que tomou, dar-se-iam ali, dentro em breve, acontecimentos lamentaveis, porque o caso chamou a atenção dos espíritos zombeteiros e galhofeiros. Sem que possa tudo relatar e que causa originou o que se deu o local, diz no emtanto que se trata de um assassinato [...], e que Alice era perseguida por um espírito máo, apesar de haver um outro que a guiava (ALBUQUERQUE, 1917i, p 1).

Jornal “A Capital”, número 45, 29 de agosto de 1917

Após alguns dias de silêncio, esta edição apresenta uma pequena reportagem intitulada: “O caso da Cachoeirinha – O ACHADO.” Nela relembra o caso e que a menina Alice continuava sendo vítima das manifestações, tendo a mesma informado que no quintal, debaixo de uma goiabeira, fora enterrado o corpo de um homem assassinado. Para averiguações, resolveram fazer a escavação:

[...] hontem o sr. coronel Joaquim Pereira Teixeira, proprietário do terreno suspeito de ter dado sepultura á victima de um crime, resolveu, em companhia dos srs. Manoel Muniz Bayma e Lemos, proceder a excavação do terreno, pagando ao portuguez Francisco Vianna que se encarregou da operação (ALBUQUERQUE, 1917j, p 1).

Finaliza a reportagem dizendo que foram encontrados ossos, cujos fragmentos foram recolhidos e encaminhados para a avaliação de um médico na Pharmácia Julio Verne, e que a reportagem apurou que até aquele momento não havia confirmação de serem ossos humanos.

Análise do Caso

Tratamento da imprensa na época

A pesquisadora analisou nove edições do periódico “A Capital”, cuja redação localizava-se na Av. Eduardo Ribeiro, n.º 90, sendo dirigido pelo advogado Dr. Epaminondas de Albuquerque, que possuía escritório jurídico no 1.º andar do mesmo endereço (ALBUQUERQUE, 1917l).

Da cobertura jornalística sobre o evento denominado “Um misterioso caso na Cachoeirinha”, devem-se destacar os seguintes aspectos:

- Iniciou-se sob os auspícios da curiosidade investigativa, uma vez que, na primeira edição sobre o assunto, um dos repórteres do jornal foi pessoalmente realizar sindicância na residência assombrada, e a reportagem foi encerrada com a sugestão da derrubada do matagal ao fundo da casa, realização de um cerco apertado, com uma exortação a ação policial no sentido de desvendar o caso, pois deduziam que nada tinha de sobrenatural (ALBUQUERQUE, 1917a).
- A continuidade da cobertura visava a manter informados os leitores, uma vez que o fato despertava grande curiosidade na população:

O nosso representante voltará ainda lá para que continuemos a informar aos leitores (ALBUQUERQUE, 1917a, p 1).

As scenas de que têm sido theatro o bairro da Cachoeirinha de seis dias a esta parte, continuam a despertar a curiosidade ao público manauense, attenta às circumstancias mysteriosas que envolvem os acontecimentos alli ocorridos.

[...]

Esse phenomeno foi assistido por um dos nossos companheiros de redacção, e que vem acompanhando assiduamente todas essas manifestações de quatro dias a essa parte (ALBUQUERQUE, 1917b, p 1). A m a n h ã daremos novas informações, do que está se passando na casa do sr. Alfredo Alencar (ALBUQUERQUE, 1917c, p1).

Como o publico, a imprensa tem também grande curiosidade, em que se desvende esse mysterioso caso que vem impressionando vivamente a nossa sociedade.

[...]

Continuaremos a publicar o que se for passando acerca do mysterioso caso (ALBUQUERQUE, 1917d, p1).

O sr. João Severiano de Souza, [...], dados a esses estudos mysticos, nos prometteu vir á falla, para registrar a veracidade dos questionados phenomenos psychicos.

Assim sendo, é bem possível que A CAPITAL, amanhã, publique nesta secção, um artigo do reputado moço (ALBUQUERQUE, 1917g, p 1).

- O periódico demonstrou coerência nas informações oferecidas aos leitores, pois, mesmo após o período de grande comoção, continuou divulgando o andamento do caso. Ao tomar conhecimento da realização de escavações em local indicado por Alice, publicou o fato e prometeu manter o público informado:

Sabemos que esteve em indagações no local uma autoridade policial e aguardamos o resultado do exame, a que vae ser submettido o achado da Cachoeirinha, para delle darmos notícias aos nossos leitores (ALBUQUERQUE, 1917j, p 1).

- As revelações espíritas recebidas em sessões mediúnicas despertaram a atenção do editor, tanto que foram publicadas as três comunicações recebidas pelo periódico, a saber: a comunicação dada no Alto de Nazareth (ALBUQUERQUE, 1917b), a procedente do bairro dos Educandos (ALBUQUERQUE, 1917d) e a ocorrida na Parada Felinto (ALBUQUERQUE, 1917f).
- Os esclarecimentos proferidos pelos espíritas conseguiram sensibilizar as convicções do editor, como vemos no texto abaixo:

Finda a sua agradável palestra [do professor], retirou-se o illustre cavalheiro, que nos deixou um tanto abalados pela convicção com que argumenta para provar a existência do espiritismo (ALBUQUERQUE, 1917e).

- A forma respeitosa como o jornal tratou o tema durante a sua divulgação e no diálogo com os espíritas entrevistados, gerou manifestações e agradecimentos diretos:

[...] vim aqui [professor espírita], em nome de diversos professos agradecer a bondade da A CAPITAL que, no cumprimento de seu augusto programma, tratando de tão delicado assumpto, não melindrou até agora a nossa crença. Assim procedendo, este legitimo órgão da imprensa manauense tem adquerido sinceras sympathias entre todos os espíritas (ALBUQUERQUE, 1917e).

Como espírita que sou [João Severiano de Souza], diante da sincera narrativa que A CAPITAL vem fazendo do phenomeno psychico a que intitulastes Um caso mysterioso na Cachoeirinha, tomo o alvitre de enviar-lhe a seguinte apreciação [...] (ALBUQUERQUE, 1917h).

A família Barros Alencar também agradeceu a forma respeitosa como o jornal tratou o drama familiar (ALBUQUERQUE, 1917g).

- O respeito às crenças parecia ser uma das políticas do jornal, sendo oferecida a divulgação do posicionamento de representantes do esoterismo (ALBUQUERQUE, 1917i).

A credibilidade do periódico estimulou o tio a comunicar ao jornal sobre a fuga de sua sobrinha, da casa do magistrado onde fora acolhida por ordem judicial, informando da sua providência comunicando ao Distrito Policial do bairro, porém manifestando o desejo de permanecer cuidando dos dois irmãos órfãos, pelo afeto que lhes possuía:

O sr. Alfredo de Barros Alencar é tio legítimo de Alice e a tem em sua companhia há bastante tempo, por um louvável princípio de affecto á sua parenta menor, pobre e desamparada, sendo de presumir verdadeira a sua affirmativa de bem tratá-la, em face da obstinação de Alice em querer permanecer ao lado de seus tios, sr. Alencar e esposa, e de seu irmão.

O sr. dr. Juiz de orphãos decidirá como acertado julgar (ALBUQUERQUE, 1917h, p 1).

Na edição de n.º 27, há um depoimento do Sr. Marcos Alves da Cruz, mestre de cabotagem e vizinho da família Barros Alencar, que discordava do posicionamento de o “Jornal do Commercio” sobre o assunto.

Repercussão na sociedade

O insólito fenômeno de efeito físico, presenciado por tantas testemunhas idôneas, despertou o interesse da sociedade manauense que aguardava o seu esclarecimento, resultado da atuação dos espíritas da época.

Para atender esta expectativa, o periódico mantinha a população informada, com publicações diárias das notícias apuradas pelos seus colaboradores ou recebidas diretamente na redação, conforme vemos abaixo:

O phantasma da Cachoeirinha continúa a trazer apavorada a população daquelle bairro.

[...]

O guarda Silveira tem desenvolvido uma actividade extraordinária, mas sem resultado nenhum. E o phantasma continúa a fazer as suas proezas (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

O povo manauense continúa em plena expectativa sobre o desenrolamento dos referidos mysterios.

Assim, appella o publico em geral, tanto para a energica acção da polícia civil, como para o trabalho dos espíritas, que teem grande interesse de provar, por factos materiaes, a verdade da religião, que professam cheios de crença.

Como o público, a imprensa tem tambem grande curiosidade, em que se desvende esse mysterioso caso que vem impressionando vivamente a nossa sociedade (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

A sociedade, espírita ou não, apresentava suas manifestações diretamente na redação do jornal, posicionando-se sobre os fenômenos ou sobre a qualidade da cobertura jornalística que atendia às expectativas da população, conforme abaixo:

Hontem á tarde, estive em nossa redacção um moço, que muito nos merece, e nos declarou que tendo feito com certa mofa, crítica dos phenomenos da Cachoeirinha, recebeu em pleno rosto, uma bofetada, sem que pudesse descobrir a sua procedencia, mormente numa occasião em que não havia pessoa alguma perto de si (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

A nossa redacção foi durante todo o dia de hontem, visitada por muitas pessoas, que tiveram palavras elogiosas para o nosso jornal, diante de sua attitude em relação ao factos de que é actualmente theatro o bairro da Cachoeirinha (ALBUQUERQUE, 1917e, p 1).

Exmo. sr. dr. Director d'A CAPITAL – como espírita que sou, diante da sincera narrativa que A CAPITAL vem fazendo do phenomeno psychico a que intitulastes “Um caso mysterioso na Cachoeirinha [...]” (ALBUQUERQUE, 1917h, p 1).

Pessoas que trataram do caso

Manoel dos Santos Castro - porteiro da Alfândega de Manaus, residente à rua Barroso, Centro. No Correio do Norte, de 12 de maio de 1906, aparece o registro de sua posse como 2.º tesoureiro da FEA (Assistência aos Necessitados) (POSSE, 1906). Em 30 de março de 1918, conforme publicado no A Capital, tomou posse como membro da assistência da nova diretoria da FEA (ALBUQUERQUE, 1918). Estudioso do espiritismo e conhecido evangelizador emérito dos espíritos obsedados (ALBUQUERQUE, 1917c, 1917d), destacou-se no auxílio da família:

Sabemos que o conhecido velho Castro, o grande amigo da caridade, muito tem conseguido a respeito, já estando de posse do fio de toda a meada [...]

Procurando tão somente evangelizar os espíritos soffredores, e que estão provocando as actuaes scenas [...], aquelle cavalheiro tem recusado fornecer as competentes notas de suas investigações - á imprensa.

Apenas afirma: “trata-se de espíritos, e muitos outros factos psychicos vão se reproduzir nesta cidade.

Além dos trabalhos do velho Castro, outros espíritas teem feito diverssas sessões em varios pontos desta capital, sendo certo que em todas ellas se confirma a existência de um crime, de que foi victima mysteriosamente um cidadão (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

A **autoridade policial** acompanhou diligentemente o caso, como pode ser comprovado no texto abaixo:

[...] aqui esteve hontem um subdelegado e praças, [...] ouviram as pedradas, viram as pedras e bateram todos os terrenos visinhos, sem encontrar alguém. [...] Só um soldado avistou um homem, que, cercado por todos nós o sítio indicado, não foi encontrado (ALBUQUERQUE, 1917a, p 1).

A polícia tem empregado ingentes esforços para desvendar o caso, mas nada tem conseguido até agora (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

O sr. dr. Chefe de Polícia, mandando chamar hontem á sua presença a menor Alice, e interrogando-a, ouviu della que não tinha namorado; que vê como tem dito e repetido várias vezes, o phantasma, que a vem perseguindo, desde muitos diaz.

Como o seu interrogatório nada mais adiantasse [...] mandou entregar a referida menor ao sr. dr. Juiz Municipal de Orphãos.

Diante dessa resolução acertada da autoridade policial, ficamos na espectativa para sabermos se o phantasma continúa a perseguir a referida menor (ALBUQUERQUE, 1917e, p 1).

As **autoridades judiciárias** interviam no caso, buscando encontrar explicações para a presença dos fenômenos.

A menor Alice foi interrogada, em segredo de Justiça, hontem, o que também será feito com os seus tios.

O interrogatorio procedeu-se no Palácio da Justiça.

Pelo juiz municipal de orphãos, foi expedido mandado de intimação ao sr. Alfredo de Barros Alencar e sua senhora a comparecerem em juízo afim de prestarem declarações [...] (ALBUQUERQUE, 1917e, p 1).

O sr. dr. Mario Rezende, juiz municipal de orphãos, officiou hontem ao sr. dr. chefe de policia, fazendo apresentar áquella autoridade a menor Alice, victima das perseguições do phantasma da Cachoeirinha.

Neste documento a autoridade judiciária solicita do sr. dr. chefe de policia, as necessarias providencias no sentido de ser a referida menor submettida a exame medico-legal.

Satisfeita a requisição do sr. dr. juiz municipal de orphãos, foi a referida menor examinada pelo médico legista, dr. Xavier de Albuquerque.

Do respectivo exame medico legal ficou demonstrado que Alice Feitosa de Alencar, se acha virgem.

Este facto veio desfazer uma certa maledicência existente contra a honestidade da pobre orphã (ALBUQUERQUE, 1917g, p 1).

Dr. Antonio Baptista de Aquino – magistrado, morador da Rua Visconde de Porto Alegre, acolheu a menor Alice em sua residência, por determinação do Juiz Municipal de Órfãos, na tentativa de libertar a menina do espírito obsessivo, sem sucesso.

Contaram em nossa redacção que, não obstante essa mudança de casa, a referida menor ao penetrar a residência daquelle magistrado, fora actuada por um espírito (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

Um **professor conhecido**, que não quis ser identificado, visitou o jornal, travando um eloquente diálogo com um dos colaboradores do jornal, oferecendo importantes esclarecimentos doutrinários, no sentido de confirmar os fenômenos mediúnicos, refutando as objeções apresentadas pelo interlocutor, esclarecendo por que os espíritos não são vistos por toda gente e sobre mistificação (ALBUQUERQUE, 1917e).

João Severiano de Souza - jovem funcionário público federal dos Correios, estudioso espírita. Na publicação da posse da nova diretoria da FEA, em 30 de março de 1918, aparece como administrador da livraria (ALBUQUERQUE, 1918). Destacou-se como jornalista e expressivo membro do movimento espírita amazonense. Sua biografia será apresentada no mesmo evento em que este trabalho será exposto.

Participação dos espíritas no caso

O periódico destaca a atuação dos espíritas manauaras no caso da Cachoeirinha, citando as reuniões mediúnicas realizadas no Alto de Nazaré, na Av. Codajás, na residência do Sr. Castro, etc. (ALBUQUERQUE, 1917 b); quer seja no atendimento direto a família Barros Alencar, quer seja no atendimento espiritual dos envolvidos – encarnados e desencarnados, quer seja nas pesquisas para o esclarecimento doutrinário do fenômeno.

Além dos trabalhos do velho Castro, outros espíritas teem feitos sessões em varios pontos desta capital, sendo certo que em todas ellas se confirma a existencia de um crime, de que foi victima mysteriosamente um cidadão.

De procedência do bairro dos Educandos, nos enviaram hontem o resultado de uma sessão alli realizada (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

A comunicação mais importante que conhecemos, foi a obtida na sessão realizada no Alto de Nazareth [...].

Tomaram parte da mesma cinco espíritas de nomeada, servindo de medium uma respeitavel senhora.

O presidente depois de lêr alguns trechos de uma das obras de Allan Kardec, dirigiu [...]s preces ao Deus [...] para que o guia da sessão pudesse encaminhar os trabalhos sem [...] incidente (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

No dia 07/08/1917, o jornal dá destaque à sessão pública ocorrida na Federação Espírita, que teve a finalidade de esclarecer aos interessados o caso da Cachoeirinha:

Os adeptos do espiritismo em Manáos, grandemente interessados, no sentido de explicar os phenomenos psychicos da Cachoeirinha, realizaram ante hontem uma sessão publica, no Templo da Verdade, sito á rua José Clemente, tendo tido a mesma uma concurrencia extraordinaria, usando da palavra o orador da sociedade, justificou, com argumentos deduzidos dos ensinamentos espíritas, a existencia da manifestação de phenomenos psychicos.

A sua oração, que durou cerca de uma hora foi vibrante e impressionadora.

Para elle, o caso da Cachoeirinha está resolvido e conhecido, não existindo, entre o povo espírita, a menor dúvida sobre a veracidade dos referidos phenomenos.

Quanto ao drama, que victimou o phantasma, o presidente da Federação Espírita se mostra reservado, não querendo revelar os seus pormenores aos próprios irmãos, afim de evitar que caia no dominio publico (ALBUQUERQUE, 1917b, p 1).

O jornal noticiou as reuniões mediúnicas realizadas no sentido de desvendar e controlar os fenômenos ocorridos com a menor Alice, sendo as comunicações espíritas do Alto de Nazaré, no Educandos e na Parada Felinto publicadas com detalhes (ALBUQUERQUE, 1917b, 1917c, 1917f).

E destacou o esforço dos espíritas na pesquisa e esclarecimento dos fatos:

Os recentes acontecimentos psychicos [...], despertando a natural curiosidade do publico, permittiram que os adeptos da doutrina do eminente Allan Kardec [...], fazendo as pesquisas que o caso reclamava, explicassem satisfactoriamente a possibilidade de taes manifestações psychicas.

As repetidas sessões levadas a effeito pelos espíritas orthodoxos, no proposito firme e inabalavel de esclarecerem os phenomenos psychicos, de que se tem occupado o nosso jornal, deram um resultado bastante lisonjeiro, pondo a termo tão curioso caso.

Conhecida agora por elles, a causa das falladas manifestações, se propõem a discutir pela imprensa tão delicado assumpto, procurando demonstrar, baseados nas próprias doutrinas esotéricas, a verdade espírita, que professam (ALBUQUERQUE, 1917g, p1).

Conforme nos prometeu o sr. J. Severiano de Souza [...], nos enviou uma carta sobre o recente caso mysterioso da Cachoeirinha.

Tratando o illustre moço de um assumpto palpitante, e que se refere a factos da actualidade, publicamos abaixo a sua mencionada missiva (ALBUQUERQUE, 1917h, p1).

Tratamento doutrinário que o caso recebeu

Analisando a publicação da comunicação mediúnica sobre o caso da Cachoeirinha, ocorrida no Alto de Nazareth, observa-se coerência doutrinária, pois as informações fornecidas pelo Espírito são congruentes com aquelas contidas em o Livro dos Médiuns, como podemos ver abaixo:

Meus caríssimos irmãos, o phenomeno manifestado [...] não constitue um mysterio, como o chrisma a ignorancia popular [...] porque na natureza não ha mysterios, nem factos que não possam ser explicados diante da luz da verdadeira sciencia (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

Quando trata das manifestações físicas espontâneas, no capítulo V, item 91, Kardec esclarece que elas têm como finalidade demonstrar a existência dos espíritos e, pelo temor que provocam, chamam a atenção dos incrédulos. Se o efeito independe da vontade humana e dá sinais de vontade própria, forçoso é atribuir-lhe a uma inteligência oculta. O estudo ajuda a distinguir o que é real do que é falso (KARDEC, 1987).

Diz o codificador, no item 245, do capítulo XXII, que numa manifestação espírita com características de obsessão, suas causas podem vir de outras existências, com um caráter de vingança (KARDEC, 1987). Portanto corrobora a informação abaixo:

O que se está passando na Cachoeirinha, prende-se a factos anteriores desenrolados nesta capital, ha poucos annos atraz, factos esses coevos de meus irmãos. [...] (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

Na teoria das manifestações físicas, capítulo IV, ao descrever a ação dos espíritos sobre a matéria, o mestre de Lion, esclarecendo sobre a atuação do perispírito, diz que este se serve da intermediação do fluido cósmico universal para agir sobre a matéria (item 58) de modo a produzir movimentos em corpos sólidos (item 74) (KARDEC, 1987). Desse modo, verificamos que a comunicação abaixo se coaduna com a referida teoria:

[...] Outras victimas, uma vez desencarnadas, no espaço, desenvolvem maior somma de odio e paixão, e dahi, sente-se uma atmosphaera bastante pesada.

Dado isso, o que se vê, então, sinão reação do plano astral sobre o plano physico!

Eis o grande phenomeno explicado.

Operado o encontro dos elementares astraes com as vibrações do plano physico, verifica-se o phenomeno psychico (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

Em diversas ocasiões, os Espíritos comunicantes disseram não ser necessário informar os seus nomes e pediram preces para o obsessor e seus algozes, em busca de sua libertação. Relembra os ensinamentos do Mestre, do amor e do perdão (ALBUQUERQUE, 1917c).

Em tornar se conhecido o meu nome em nada aproveita em relação a verdade ora sabida; o que aproveita é seguir-se as sábias licções, que me inspiraram os Mestres para transmitir aos meus irmãos. Praticar sempre o bem, perdoar as faltas dos nossos semelhantes, commetter actos de amor e bondade, são os factores principaes que levam o homem a presença de Deus.

Nomear o nome do espírito que se manifesta na Cachoeirinha commettiria uma grande indiscripção apontando ao público os seus algozes, quando o papel dos espíritos evoluídos não é denunciar, mas amparar todas as quedas, sem expor ninguem a odiosidade e escarneio publico (ALBUQUERQUE, 1917c, p 1).

No dia seguinte, em outra reunião mediúnica ocorrida no bairro de Educandos, o espírito comunicante ratifica as informações acima, nos seguintes termos:

Meus amados irmãos, convidados por vós para dizer alguma cousa sobre os recentes acontecimentos da Cachoeirinha, devo vos declarar que não posso ir além do que já se pronunciou um respeitavel mestre do espaço, na sessão ultimamente levada a effeito no Alto de Nazareth.

[...]

[...] essa revelação não pode ser feita pelos espíritos que ascenderam a grande escala da evolução espiritual.

Somente os espíritos que ainda pairam num plano bastante inferior, podem assim proceder, porque a verdade é como diz o venerando apóstolo S. Paulo, na epístola aos Efesios, cap. 6.º verso 12.º, “nós temos de lutar contra os espíritos de malícia espalhados por esses ares.” (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

As manifestações acima estão de acordo com o conteúdo do capítulo XXIV, do Livro dos Médiuns, que discorre sobre o tema “Da identidade dos espíritos”, no qual fica claro que a identificação dos comunicantes é uma questão “secundária, podendo-se considerar o nome como simples indício da categoria que ocupa o Espírito na escala espírita (p 317)”. O que importa é distinguir se o espírito é bom ou mal. Neste sentido, o item 267, 16. º, diz textualmente:

Também se reconhecem os bons Espíritos pela prudente reserva que guardam sobre todos os assuntos que possam trazer comprometimento. Repugna-lhes desvendar o mal, enquanto que aos Espíritos levianos, ou malfazejos apraz pô-lo em evidência. Ao passo que os bons procuram atenuar os erros e pregam a indulgência, os maus os exageram e sopram a cizânia [...] (KARDEC, 1987, p 326).

Os fenômenos de efeito físico sempre estiveram presentes e são de conhecimento público, tendo por fim chamar-nos a atenção, conforme atestam os itens 85, 88 e 91 do mesmo livro (KARDEC, 1987), confirmando a informação abaixo:

Demais a mais, o phenomeno phychico ora observado, não é o primeiro, nem será o último, mesmo porque, se aproximando os tempos annunciados, a reproducção desses phenomenos se manifestará por todos os pontos da terra, com maior intensidade (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

Em seguida, após discorrer sobre a lei de amor, a união entre as religiões, a guerra mundial, o espírito identifica-se como um português que acompanhou o Pe. Anchieta na comitiva de Duarte da Costa, o segundo governador geral do Brasil, em 1523. Discorre sobre o papel do Brasil:

Emigrando a civilização da Europa para a America, o Brasil se tornará o centro das mais adiantadas concepções humanas; e assim podeis ir desde já observando a nova geração que se vae formando neste grande paiz do futuro.

O povo brasileiro de amanhã será essencialmente culto, dedicado às letras, artes e industrias, numa palavra: dominará o mundo pela moral, pelo direito; a lei será a sua grande força (ALBUQUERQUE, 1917d, p 1).

Tal conteúdo vai ao encontro com a missão do país, descrita anos mais tarde por Humberto de Campos, via psicografia do médium Francisco Cândido Xavier, na obra “Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho”.

Os espíritas que tiveram as suas opiniões registradas no periódico, também demonstraram que as suas argumentações tinham como base o pentateuco kardequiano. Podemos exemplificar com a manifestação do estudioso professor já citado acima, durante sua visita a redação do jornal, na qual destacamos a questão dos lugares mal assombrados:

[...] O mestre no seu precioso livro Mediuns, consagra um capitulo especial sobre este ponto. E explica elle que os espíritos tanto por sympathia como para fazer mal, podem fazer pousada duradoura em certos e determinados lugares, mormente em locaes theatro de algum crime (ALBUQUERQUE, 1917e).

Verifica-se que tal informação está contida no item 132, 9.ª, a, do capítulo IX do livro citado, que trata do assunto “Dos lugares assombrados”, diz que certos Espíritos podem sentir-se atraídos por determinados lugares, “até que desapareçam as circunstancias que os faziam buscar esses lugares”. E ao responder o que podem induzi-los a buscar estes lugares, é dito:

A simpatia por algumas das pessoas que os frequentam, ou o desejo de com ela se comunicarem. Entretanto, nem sempre os animam intenções louváveis. [...] podem pretender tirar vingança de pessoas de quem guardam queixas (KARDEC, 1987, p 169).

Da mesma forma, o Sr. João Severiano de Souza, ao enviar sua carta para publicação, vale-se dos seus estudos espíritas para esclarecer o processo do fenômeno de efeitos físico, conforme abaixo descrito:

[...] serve-se o espírito manifestante dos fluidos que emanam do medium, (que no caso é a menor Alice) e, como aquellas emanações fluídicas agem simphaticamente, consegue o espírito materializar-se e consequentemente tornar-se vizível não só á ella como a mais mediums videntes que porventura se acerquem do lugar do phenomeno (ALBUQUERQUE, 1917h, p 1).

A explicação está de acordo com o item 105, do Livro dos Médiuns, que diz:

[...] Quando o Espírito nos aparece, é que pôs o seu perispírito no estado próprio a torná-lo visível. Mas, para isso, não basta a sua vontade, porquanto a modificação do perispírito se opera mediante sua combinação com o fluido peculiar do médium (KARDEC, 1987, p. 136).

Considerações Finais

Na pesquisa realizada, observou-se que o periódico “A Capital” manteve um tratamento respeitoso aos espíritas e às suas intervenções, durante todo o período dedicado a publicação das notícias sobre “Um caso misterioso na Cachoeirinha”.

Os registros não apresentam nenhuma referência à manifestação de representantes da igreja católica e mostram que a sociedade manteve-se curiosa com a fenomenologia de efeitos físicos, a qual aguardava ansiosamente as explicações dos espíritas.

Duas categorias de personagens destacaram-se na tentativa de resolver o caso: a autoridade judicial e a comunidade espírita. A primeira, buscando proteger a menor Alice das maledicências sobre sua moral e garantir a sua integridade física, transferindo-a para outro ambiente, no intuito de impedir a continuidade dos fenômenos. A segunda, buscando investigar a causalidade do processo obsessivo e seu tratamento espiritual para os desencarnados e encarnados.

Neste sentido, eram realizadas reuniões mediúnicas em diversos locais da capital amazonense. As sessões eram coordenadas por estudiosos da Doutrina Espírita, com a participação de médiuns experientes. O teor das comunicações recebidas eram doutrinariamente coerentes e muitas foram encaminhadas ao diretor do jornal, que após uma leitura crítica do conteúdo as publicou na íntegra.

Por outro lado, os espíritas que tiveram seus nomes grafados no periódico, eram pessoas conhecidas na sociedade e no movimento espírita da época. Um “estimado professor”, que fez uma explanação doutrinária e deixou a redação “abalada” pela convicção de seus argumentos. O Sr. Manoel Gomes Castro, funcionário da Alfândega, que atuou na FEA em diversos cargos, é descrito como pessoa estudiosa, bondosa e adepta da caridade. O jovem João Severiano de Souza, funcionário público federal da Empresa de Correios, é designado como espírita preparado, tendo atuado como jornalista e membro da FEA em diversos cargos. A sessão pública realizada na sede da Federação para esclarecer os fenômenos foi muito concorrida e a palestra sobre o tema descrita “vibrante e impressionadora”.

Pelo exposto, deduz-se que o movimento espírita da época era dinâmico, contava com a participação de pessoas com sólida formação doutrinária, vida profissional estabilizada, sendo respeitadas na sociedade. Por conseguinte, foi possível encontrar o registro de relatos sérios sobre a fenomenologia mediúnica no início do século 20, com tratamento respeitoso ao Espiritismo e a atuação dos seus pioneiros nas terras amazônicas.

Referências

ALBUQUERQUE, Epaminondas de (Director). **Um caso misterioso na cachoeirinha**. A Capital, Manaus, anno I, n. 19, 03 Ago 1917a, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 20, 04 Ago 1917b, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 21, 05 Ago 1917c, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 22, 06 Ago 1917d, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 23, 07 Ago 1917e, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 24, 08 Ago 1917f, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 25, 09 Ago 1917g, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 26, 10 Ago 1917h, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 27, 11 Ago 1917i, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 45, 29 Ago 1917j, p.1.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno I, n. 152, 17 Dez 1917l, p. 2.

_____. _____. A Capital, Manaus, anno II, n. 257, 04 Abr 1918, p. 2.

HEMEROTECA Digital Brasileira. **Projeto Periódicos Extintos**. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>. Acesso em: 13 Mai 2013.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Médiuns**. 55 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1986.

MACHADO, José Alberto da Costa. **Movimento espírita no Amazonas: sistematização de um programa de pesquisa para ampliar o conhecimento de sua história**. In: Anais do I Simpósio FAK, Manaus/AM, 2009.

POSSE DA DIRETORIA DA FEDERAÇÃO ESPIRITA AMAZONENSE. Correio do Norte, Manaus, n. 95, 12 Mai 1906.